

Há duas opções sobre o país que se quer: o modelo neoliberal ou o do trabalhador



Ao contrário do quadro róseo que Zélia pintou no seu discurso de saída, a situação da economia é extremamente delicada. O problema fundamental é a falta de previsibilidade que existe na economia. Existem heranças de Zélia que são um verdadeiro desafio para a sociedade. Jogaram o país numa recessão, que é uma armadilha pois não resolve problema algum. Só contribui para desorganizar o conjunto da economia.

Existe também uma crise do sistema financeiro. A liberação dos cruzados é apenas um aspecto dessa crise. Eles abalaram a confiança no sistema financeiro, na moeda. Uma terceira herança deixada por Zélia é o fôlego curto de uma estratégia voluntarista para sair da crise. De certa maneira, o conjunto do país ficou contra a política econômica e, desse jeito, não se consegue encaminhar nenhum tipo de saída para o país, nem mesmo a saída neoliberal que a equipe de Zélia pretendia.

A quarta herança é o caráter conservador do governo Collor, que não conseguiu encaminhar soluções para os problemas da economia. Continuamos vivendo uma seriíssima crise da moeda, cujo sintoma é uma tendência latente à hiperinflação. O governo apenas reprimiu a hiperinflação. Esse é o resumo da política de Zélia. Ela não pagou os banqueiros, não pagou a dívida externa, não pagou a dívida interna e fez uma recessão. Esse expediente de repressão da hiperinflação se exauriu, se esgotou, pois despertou uma reação muito forte de todo mundo.

Portanto, a mudança de equipe foi um movimento de maturidade do governo Collor. O que não quer dizer que não possam surgir momentos de regressão, até porque a personalidade do presidente é meio complexa. O tamanho da crise e seus movimentos são tão deses-

tabilizadores que podem levá-lo a cometer alguma bobagem como a dolarização da economia.

No curto prazo, Collor reconhece a incapacidade do governo para arbitrar a crise e tenta organizar uma estratégia do tipo feijão-com-arroz. Renuncia a uma arbitragem mais dura da crise e procura algum ponto de apoio para conduzir a política econômica. O governo tem diante de si uma pauta de quatro pontos que exigem resposta rápida: a negociação da dívida externa, a saída do congelamento com a reindexação dos salários, o desbloqueio dos cruzados e a atenuação da recessão.

O governo Collor está confuso e repete o final do governo Sarney. O ministro Marcílio é extremamente discreto. A equipe não sabe muito bem onde se apoiar. Aparentemente, vão buscar sustentação junto aos governadores — um negócio mais fisiológico — e também vão tentar um acordo com os credores. Mas continuarão em pauta a questão das soluções estratégicas para o país. Qualquer que seja a política de curto prazo, terá vida curta porque é preciso enfrentar os problemas estruturais.

Isso remete à discussão sobre que país a gente quer. Na verdade, voltamos a uma problemática muito parecida com a que o Brasil enfrentava no começo da industrialização. Existe um conflito político entre dois grandes blocos. De um lado, a saída pelo modelo neoliberal, a saída dos exportadores, dos banqueiros e das grandes empresas internacionais. Do outro, o interesse dos setores fracos da sociedade, dos trabalhadores e das empresas que não conseguem enfrentar a competição internacional. Esse é o conflito real. Ou se reorganiza o país a reboque da nova divisão internacional do trabalho, de uma maneira subalterna, ou se organiza o país defendendo seu mercado interno.